



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes

Memorial Descritivo do Trabalho de Conclusão do Curso
Curso de Jornalismo

Bruna Parrillo de Carvalho
RA00274555

Orientadora: Prof. Dra Misaki Tanaka (Mii Saki)

Maré de Mulheres: O surfe feminino e a questão de gênero na sociedade

São Paulo
2024

BRUNA PARRILLO DE CARVALHO

**MARÉ DE MULHERES: O SURFE FEMININO E A
QUESTÃO DE GÊNERO NA SOCIEDADE**

Memorial Acadêmico referente ao processo de produção do documentário “Maré de Mulheres: O surfe feminino e a questão de gênero na sociedade”, apresentado ao Curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação do Prof. Dra. Misaki Tanaka (Mii Saki)

São Paulo
2024

RESUMO

O documentário "Maré de Mulheres" visa evidenciar que o cenário dentro do esporte é um reflexo das normas e práticas machistas presentes em nossa sociedade. A pesquisa para o documentário foi conduzida por meio de entrevistas com mulheres que praticam o surfe, oferecendo uma visão íntima e pessoal das experiências e desafios que enfrentam. Através dessas conversas, o documentário busca revelar a realidade das surfistas, mostrando como, apesar das adversidades e barreiras impostas, elas persistem em desafiar as limitações e construir um espaço mais igualitário no esporte.

Palavras-chave: surfe; sociedade; esporte; mulheres

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Ivan Claudio Silva de Carvalho e Alcileia Parrillo, por me ensinarem a importância de acreditar nos sonhos e me apoiarem a seguir, mesmo quando o medo parecia maior. A minha avó Marly que escutou todas minhas aventuras por telefone e a avó Margarida Bronzato que mesmo em memória, sempre se fez presente como um exemplo de mulher forte.

À minha orientadora, Prof. Dra. Misaki Tanaka, que abraçou meu projeto com tanto carinho e dedicação. Agradeço pela amizade, pelas risadas nas ligações e por vibrar comigo em cada conquista. Sua orientação foi essencial para que esse documentário se tornasse realidade.

À Ana Kézia de Andrade, minha maior companheira ao longo de toda a faculdade. Sua presença foi uma fonte constante de alegria mesmo nos dias mais difíceis, e sua amizade é, sem dúvida, um dos maiores presentes que essa jornada me proporcionou.

Aos meus amigos, Laís Stephano Féba e Vanessa Nagano, Rafaella Scotti, Flávio Pereira, Marylin Tomaz e Letícia Scal, que se fizeram presentes em todos os momentos, me apoiando, me motivando e segurando minha mão nos períodos mais desafiadores. Sou imensamente grata a cada um de vocês.

Aos lindos encontros e abraços salgados que deram cor ao documentário "Maré de Mulheres". Levo um pedacinho de cada uma de vocês em mim. Obrigada Bruna Bessa, Gabriela Cassimiro, Mariah Lollato, Nathalia Aguiar, Ariane Magno, Verônica Klein, Sam Manhães, Davenia Ferraz, Libili Silva, Yanca Costa, Laura Dall'Ovo, Tainá Farrielo e Marina Issler.

Ao menino maluco, também conhecido como Juan Giusto, por ser o fotógrafo responsável por registrar a nossa viagem para Costa Rica e fornecer esse material para fazer parte do documentário.

Agradeço por todos os lugares maravilhosos que tive a oportunidade de conhecer e por todos os encontros que marcaram essa trajetória. Sinto que aqui começam os primeiros passos em direção ao meu maior sonho.

Prepare-se, pai!

Você ainda vai repetir muitas vezes: "Suas asas estão maiores do que um avião"

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	06
2. OBJETIVOS	07
2.1. OBJETIVOS GERAIS	07
2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	08
3. JUSTIFICATIVA	08
4. METODOLOGIA	09
5. CAMINHOS PERCORRIDOS	10
6. CORPO TEXTUAL	13
7. RESULTADOS	13
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	14

1. INTRODUÇÃO

Ao longo da história da humanidade, o papel das mulheres foi frequentemente definido e imposto pelos homens. O que é certo, o que é errado, o que é o mais adequado, o que devemos fazer, o que vestir, o que gostar e o que queremos para nossa própria vida. Aquelas que se aventuravam em ser o que não era esperado, eram tachadas como histéricas, loucas e bruxas. Ainda que atualmente essa percepção seja considerada inaceitável pela sociedade, isso não significa que o cenário para as mulheres seja favorável.

Mesmo após a emancipação feminina, a realidade ainda é uma luta constante por igualdade, pertencimento, liberdade e respeito. No esporte, esse cenário é ainda mais evidente. É preciso lembrar que o esporte, tal como o conhecemos hoje, começou a ser formalmente organizado no século XIX, em escolas públicas masculinas na Inglaterra. Esse ambiente foi marcado por uma cultura que não apenas desvalorizou as habilidades das mulheres, mas também restringiu suas oportunidades.

No dia 14 de abril de 1941, Getúlio Vargas sancionou o Decreto-Lei nº 3.199, cujo artigo 54 estabelecia: "Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para esse fim, o Conselho Nacional de Desportos estabelecer as diretrizes necessárias para as entidades desportivas do país". Por mais de 40 anos, as brasileiras foram impedidas de se envolver em determinadas atividades esportivas, sob a alegação de que estas poderiam afetar seu papel na sociedade, o equilíbrio psicológico, comprometer sua feminilidade e até prejudicar a capacidade das mulheres de serem mães. Apesar da liberação e da conquista da igualdade de gênero, conforme estabelecido no Artigo 5 da Constituição Federal de 1988, ainda persiste uma realidade em que homens e mulheres desempenham papéis distintos na sociedade.

Para as surfistas, o maior desafio não são as ondas. Mas sim, um corpo feminino em um espaço majoritariamente masculino, onde o respeito e a igualdade não fazem parte das "regras". O retorno das mulheres a Teahupoo em 2022 foi, sem dúvida, um momento crucial na história da evolução do surf feminino. Durante muitos anos, elas foram privadas da oportunidade de competir nessa onda icônica, com justificativas baseadas em "questões de segurança". Embora seja inegável que Teahupoo seja uma das ondas mais pesadas e desafiantes do mundo, questiona-se até que ponto foi justo com a evolução do esporte negar às mulheres a chance de competir. Apesar de o mar ser um ambiente democrático, muitos homens ainda o veem como um território exclusivo deles.

O incidente ocorrido em abril de 2023, em Bali, ilustra essa questão de maneira vívida: um surfista brasileiro agrediu a americana Sara Taylor durante uma disputa por uma onda. O ataque, registrado em vídeo, mostra o agressor atingindo Sara tanto no mar quanto na areia, mesmo após ela tentar apaziguar a situação. Apesar de denunciar o caso e apresentar provas à polícia local, a americana enfrentou dificuldades burocráticas, e o responsável não foi preso.

Em abril de 2024, na Praia de Riviera, Litoral Norte de São Paulo, Luana Portes, surfista e pedagoga, foi vítima de agressão por um professor de surfe. O conflito começou após uma discussão sobre regras do esporte, quando o homem fez comentários machistas e tentou desqualificar a experiência de Luana. Irritado com a resposta dela, ele a agrediu com dois socos no rosto enquanto estavam no mar. A violência continuou na areia, onde o agressor chegou a ameaçá-la com um martelo, intensificando o ataque. O incidente foi registrado como lesão corporal, e o agressor foi demitido da escola onde trabalhava. Luana afirmou estar com medo de sair de casa após a agressão.

Apesar dos obstáculos, a presença de mulheres no mar tem crescido, refletindo avanços na representação feminina no surfe. Iniciativas recentes têm promovido a igualdade de gênero, como a World Surf League, que desde 2019 garante premiação igualitária em suas competições. O Comitê Olímpico Internacional também deu um passo importante ao anunciar a mesma quantidade de vagas para mulheres e homens nos Jogos Olímpicos. Além disso, projetos como o Programa Talento Feminino da CBSurf são fundamentais para mapear e desenvolver o potencial das jovens surfistas, aumentando o acesso a treinamentos e promovendo maior representatividade no esporte.

Sem dúvida, estamos avançando em direção a um futuro mais inclusivo. Para realmente combater o machismo no surfe, é fundamental que haja mais mulheres nas ondas, em posições de destaque e em cargos de liderança. Assim, estaremos construindo um futuro em que cada vez mais mulheres poderão surfar, competir e viver plenamente.

Este estudo se fundamenta nas teorias de Bourdieu (2019), que analisa as relações de poder no esporte e como elas afetam a participação das mulheres, nas investigações de Garcia (2018) sobre a evolução da representação feminina nas práticas esportivas, nas reflexões de Monteiro (2017) sobre os desafios da inclusão e igualdade de gênero, e nas contribuições de Rúbio (2012) que abordam as dinâmicas sociais e a construção de identidade no ambiente esportivo.

2. OBJETIVOS

2.1. OBJETIVOS GERAIS

O objetivo do documentário "*Maré de Mulheres*" é evidenciar as normas e práticas machistas que permeiam o ambiente esportivo, revelar as experiências e desafios das mulheres surfistas e enfatiza a importância da coletividade feminina como uma solução para enfrentar o machismo e superar os obstáculos. Somando a isso, contribuir para a conscientização e a promoção da equidade de gênero.

2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Construir Memória Histórica:

Resgatar e documentar as histórias de mulheres que fizeram parte da história do surfe, celebrando suas conquistas e desafios em uma narrativa que é contada por mulheres para mulheres, fortalecendo a identidade e o legado do surfe feminino.

2. Caracterizar os Obstáculos:

Delimitar os principais obstáculos que as mulheres encontram no surfe, incluindo barreiras sociais, culturais e econômicas que dificultam sua inclusão e valorização.

3. Promover a Conscientização:

Contribuir para a conscientização sobre a importância da equidade de gênero no surfe, estimulando debates e reflexões sobre a necessidade de um ambiente mais inclusivo.

3. JUSTIFICATIVA

Todos os dias, muitas de nós travamos uma luta constante para simplesmente existir e sermos respeitadas. Isso se tornou cada vez mais evidente para mim em situações como quando fui perseguida por um homem no metrô ou assediada dentro de um transporte público. Em diversos momentos, senti medo de estar sozinha, porque, a qualquer instante, um homem poderia aparecer e, em um segundo, transformar tudo em uma experiência de dor e vulnerabilidade.

Enquanto aguardava um amigo na saída da estação Paulista, onde há vários bancos e ambientes com tomadas, observei um grande número de entregadores em horário de descanso, todos homens, a sensação de insegurança era palpável. Isso é comum quando você é a única mulher no local, onde cada movimento e presença masculina torna o ambiente mais intimidante. A diferença no olhar, a percepção de ser observada, nos faz sentir vulneráveis, como se estivéssemos sempre em alerta. Com o passar do tempo, uma mulher se sentou ao meu lado, trocamos sorrisos e, aos poucos, outras mulheres também sentaram-se próximas, a insegurança começou a dissipar. Era reconfortante saber que havia alguém ali que me entendia. Essa simples conexão fez toda a diferença, revelando como a coletividade feminina pode trazer segurança e apoio em meio a um ambiente que, muitas vezes, pode ser intimidador.

Essa experiência me fez refletir sobre a importância da união feminina, algo que também se reflete no universo do surfe. A coletividade entre mulheres, seja em espaços públicos ou em ambientes esportivos, cria redes de apoio essenciais, tornando esses locais mais seguros e acolhedores. No surfe, a presença de grupos de mulheres surfistas tem sido fundamental para desafirmos a

exclusão histórica e criarmos um ambiente mais inclusivo. No entanto, a imposição de normas de gênero, baseadas em estereótipos e preconceitos, continua a limitar as oportunidades das mulheres, não apenas no esporte, mas na sociedade como um todo. Muitas histórias de mulheres que quebraram essas barreiras foram apagadas ou subestimadas, reforçando a ideia de que o espaço público e esportivo é, por essência, masculino.

Embora alguns casos de agressões contra mulheres no surfe tenham ganhado visibilidade na mídia, esses episódios são apenas a ponta do iceberg. Todos os dias, mulheres passam por situações de assédio e violência no mar, muitas das quais nunca chegam ao conhecimento público. No documentário *Maré de Mulheres*, fica evidente que essas experiências são mais comuns do que se imagina. Relatos de assédio, desrespeito e agressões surgem com frequência, mostrando que, mesmo em um ambiente que deveria ser libertador como o mar, as mulheres não estão a salvo. A normalização desse comportamento e a falta de responsabilização contribuem para a perpetuação dessa violência.

Embora o foco deste estudo seja o surfe, as questões abordadas têm um reflexo direto em nossa sociedade como um todo. O uso do formato audiovisual emerge como uma estratégia eficaz, pois possibilita a disseminação acessível de histórias, alcançando um público amplo e evocando emoções que fomentam a empatia. Dado que o surfe é um esporte intrinsecamente ligado à natureza, a utilização de imagens que retratam essa conexão enriquece a narrativa e também destaca a relação das mulheres com o ambiente, proporcionando uma representação mais autêntica e impactante das experiências femininas.

4. METODOLOGIA

Dediquei o ano de 2023 a uma pesquisa aprofundada focada no levantamento bibliográfico sobre a história do surfe, tradicionalmente contada pelos homens e centrada em seus ídolos e heróis. Meu objetivo foi investigar acervos pessoais de grandes surfistas que marcaram a história do esporte no Brasil, com o intuito de entender melhor o contexto da época, as oportunidades disponíveis e, acima de tudo, as dificuldades enfrentadas pelas mulheres. Durante esse processo, tive a oportunidade de conversar com o historiador, Diniz Iozzi, o Pardal, o idealizador do Museu do Surfe de Santos e do livro “Onde o surfe nasceu”, o que contribuiu significativamente para enriquecer minha pesquisa e ampliar minha compreensão sobre a evolução do esporte no Brasil.

Busquei acompanhar os momentos de retrocessos e avanços em relação à igualdade no surfe por meio de arquivos de jornais, revistas, notícias televisivas, pesquisas acadêmicas e livros. Em 2024, chegou o momento de transformar toda essa pesquisa em ação. Foi quando me juntei ao grupo Maré Alta, uma das primeiras iniciativas a promover viagens para mulheres, incentivando a prática do surfe e o empoderamento feminino no esporte. Essa experiência de viajar para Costa Rica com um grupo de mulheres, me permitiu vivenciar de perto o impacto dessas ações e observar como a união e

o apoio entre as mulheres têm sido essenciais para a transformação do cenário do surfe. Além disso, consegui a profundidade nas entrevistas que tanto buscava e tive a experiência de me conectar com o esporte que pesquisava. Meu próximo destino foi o Rio de Janeiro, um dos locais onde o surfe se popularizou no Brasil. O objetivo dessa viagem era encontrar fontes que permeiam o surfe por outras perspectivas, entrevistei a Davênia, a primeira mulher shaper; Sam, fotógrafa aquática e surfista; Verônica, que se conectou com o surfe após os 30 anos e Yanca Costa; atleta profissional de surfe e campeã brasileira de 2020.

De volta a São Paulo, comecei o processo de transcrição e minutagem das entrevistas, e logo me deparei com a dificuldade causada pelo volume de conteúdo. Minha solução foi transformar todo conteúdo em material impresso para ler e grifar os trechos mais importantes e logo após, analisei quais assuntos queria abordar e a ordem que iria aparecer no documentário. Com essa parte finalizada, cheguei nos tópicos: contexto histórico sobre o esporte no Brasil, primeira mulher a surfar na praia de Santos, o que o surfe representa para as mulheres, casos de machismo dentro do esporte, coletividade e empoderamento e como o esporte é uma ferramenta importante para autoconhecimento. O processo em cada tópico era revisar todas as entrevistas, recortar os trechos correspondente ao tema e depois montar em um painel para buscar a ordem que fizesse mais sentido para contar essa história.

5. CAMINHOS PERCORRIDOS

A faísca que surgiu para pesquisar sobre a questão de gênero na sociedade se deu através de uma aula com a professora Carla Cristina, que me incentivou a fazer um artigo sobre Leila Diniz. Pesquisando sobre sua vida, descobri que ela foi uma atriz talentosa, mas seu impacto foi além da sua carreira artística. Leila desafiou os padrões da sociedade conservadora da época, especialmente no que dizia respeito à liberdade sexual e ao comportamento das mulheres. Recusando a seguir o padrão de comportamento "adequado" para uma mulher, se tornou alvo de duras críticas da mídia e da sociedade em geral, sendo taxada como "imoral", "rebelde", "promíscua" e até "exagerada". Lembro que a situação ficou na minha cabeça por um tempo e senti vontade de cada vez mais vontade de falar sobre temáticas relacionadas a isso. Qual é o papel da mulher na sociedade? Como ela deve se portar? Quem fez essas regras? Como isso foi normalizado?

Desde criança, sempre fui apaixonada por esportes e, ao longo da vida, tive a oportunidade de experimentar diversas modalidades. No entanto, em uma aula com o professor Florenzano, ele mencionou a proibição das mulheres em atividades esportivas, e aquilo me deixou profundamente impactada. Sempre me senti plena e realizada quando estive perto de atividades esportivas e quando pude praticar livremente o que amava. Naquele momento, imaginei como teria sido viver em uma época em que as mulheres eram excluídas dessa liberdade. Foi como se uma chama fosse reacendida

dentro de mim: senti uma necessidade imediata de falar sobre isso, de expor a injustiça e os absurdos das justificativas que ainda hoje tentam limitar a participação feminina no esporte.

Esses dois episódios foram fundamentais para eu me conectar com o tema escolhido para o meu trabalho de conclusão de curso. Além disso, havia em mim uma vontade profunda de transformar esse projeto em algo prazeroso, que me levasse a lugares desconhecidos, que me conectasse com a natureza e me desafiasse a sair da zona de conforto. Foi assim que surgiu a ideia de investigar a história da mulher em um esporte amplamente masculinizado: o surfe.

Concluí o que estava imaginando, viam as mulheres como intrusas, desmerecendo sua importância e demarcando um espaço em que as oportunidades para as mulheres eram escassas e as premiações desiguais. A profissionalização das atletas demorou para acontecer em comparação com os homens, refletindo uma desigualdade sistêmica que se perpetuou por anos e até hoje caminha em passos lentos para igualdade no cenário esportivo.

Essa investigação aborda diversos aspectos da desigualdade de gênero no universo do surfe, destacando como, historicamente, as mulheres foram tratadas de forma inferior e muitas vezes excluídas de competições ou oportunidades. A pesquisa revela episódios de machismo e discriminação, como agressões verbais e físicas, que marcaram a trajetória das mulheres nesse esporte. No entanto, como resposta a esses desafios, surgiram soluções: a presença crescente de mulheres em posições de destaque, como CEOs e líderes de grandes marcas, além de seu protagonismo nas confederações e em coletivos de mulheres surfistas, mostrou-se fundamental para combater a desigualdade, promover a inclusão e um lugar mais seguro.

Em setembro de 2023, entrei em contato com a Bruna Bessa, fundadora do grupo Maré Alta. Estava ansiosa para entender sua trajetória e conhecer de perto o projeto contribuía para quebrar as barreiras de gênero no surfe. A ideia de estar em contato com mulheres que, além de praticarem o esporte, se uniam em uma comunidade de apoio e incentivo mútuo me parecia a síntese perfeita do que eu buscava explorar. E assim, começava a jornada de colocar em prática o que até então era teoria, com a expectativa de que aquelas histórias pudessem realmente revelar, por meio do audiovisual, a magnitude da luta e da resistência feminina no surfe.

Durante nossa conversa descobri que ela também havia cursado jornalismo e, na época da faculdade, tinha desejado realizar seu trabalho de conclusão de curso com uma temática semelhante. Imediatamente, nos conectamos e nos empolgamos com a ideia de colocar esse projeto em prática, juntas. Na mesma semana, consegui agendar a viagem mais próxima, que nos levaria a viver essa experiência de perto. E, no dia 12 de março, estava embarcando para a Costa Rica, pronta para mergulhar de cabeça nessa jornada.

O que eu ainda não tinha contado era que estava morrendo de medo. Era minha primeira vez viajando sozinha, para um país totalmente diferente, com equipamentos para gravar uma parte do documentário e a missão de me conectar com um esporte com o qual nunca havia praticado. Confesso que, aos poucos, o medo foi diminuindo, em grande parte pelo acolhimento imediato que recebi no

aeroporto. Naquele momento, eu e outras quatro meninas éramos completas estranhas, mas, adivinha? Nos conectamos instantaneamente. A viagem de 24 horas seguidas até Tamarindo foi repleta de conversas sobre a vida, e, a cada hora, íamos nos conhecendo mais. Naturalmente, comecei a perceber que aquelas conversas estavam me fornecendo material valioso para futuras entrevistas.

Ao chegar ao destino final, conheci a Bruna Bessa e, com o grupo completo, nossa viagem finalmente começou. No início, estava dividida entre viver plenamente a experiência ou registrá-la. Confesso que acabei me deixando levar pelo lema local de "pura vida", abraçando o presente e mergulhando de cabeça no momento. No final, foi a melhor decisão. O fotógrafo, namorado da Bruna, que nos acompanhava, ofereceu para ceder as imagens que havia feito, o que me trouxe um grande alívio, pois não precisaria me preocupar o tempo todo com gravações ou carregar equipamento enquanto transportava minha prancha. Essa liberdade me permitiu me conectar de forma mais intensa com as pessoas e o ambiente ao meu redor. Fiz amizades que me acompanham até hoje e consegui a profundidade nas entrevistas que tanto buscava.

Essa imersão definiu o fio condutor do meu documentário. No entanto, ainda sentia que precisava buscar outras fontes, pessoas que vivenciavam o esporte de outras maneiras, fora do contexto do coletivo do qual participei, em outros lugares e outras realidades. O próximo destino escolhido foi o Rio de Janeiro, onde fui surpreendida pelo acolhimento local. Acordava e dormia escutando o som das ondas, a Praia da Macumba era o berço do surfe, principalmente o feminino, e por isso foi fácil encontrar mulheres dispostas a conversar. Foi próximo ao mar que realizei as últimas entrevistas. No caminho de volta para casa, fiquei lembrando minha trajetória e me senti feliz por ter conseguido estabelecer confiança e criar um espaço confortável para que minhas fontes se sentissem à vontade para expressar suas emoções.

Para as últimas entrevistas, procurei alguém que pudesse oferecer um contexto histórico sobre o surfe no Brasil. Tentei contato com as professoras Kátia Rúbio e Carla Cristina, que foram fundamentais nas minhas pesquisas, mas ambas estavam indisponíveis. Por fim, entrevistei Tainá Farrielo, autora do livro "*O Corpo das Mulheres e as Artes Marciais*" e entrei em contato com Mariana Issler e Mônica Rittscher, que fazem parte da família de Margot Rittscher, a primeira mulher a surfar no Brasil.

De maneira geral, todo o processo de produção do projeto audiovisual "*Maré de Mulheres*" foi prazeroso e tranquilo. As etapas planejadas foram realizadas com sucesso, e ainda fui agraciada por belos acasos e pela generosidade de muitas pessoas dispostas a colaborar. A maior dificuldade, de fato, surgiu na fase de roteirização e edição, onde precisei enfrentar desafios para dar forma à grande quantidade de conteúdo que reuni.

6. CORPO TEXTUAL

A história do surfe feminino no Brasil é marcada por lutas silenciosas e vozes abafadas pela cultura predominante masculina. Durante anos, o mar foi visto como um território exclusivo dos homens, onde mulheres eram constantemente excluídas ou minimizadas. Embora o surfe tenha se consolidado como um dos esportes mais praticados no Brasil, a participação feminina foi relegada a um segundo plano, com o reconhecimento de suas conquistas muitas vezes tardio e desigual. A liberdade de surfar, assim como a de viver plenamente, foi historicamente restrita pela imposição de papéis de gênero, que criminalizavam a mulher ousada o suficiente para desafiar as normas.

O documentário "*Maré de Mulheres*" busca dar voz a essas histórias de resistência e superação. Através de relatos de surfistas, o filme destaca o poder da coletividade feminina no esporte, que a união entre mulheres, seja no mar ou fora dele, tem sido fundamental para romper barreiras, fortalecer a presença feminina e assegurar que o surfe, assim como outros esportes, seja um espaço de igualdade. Em meio a essa transformação, é necessário reconhecer que ainda há muitos desafios pela frente, casos de violência e assédio contra mulheres no surfe, como o ocorrido em Bali e em outras praias ao redor do mundo, refletem uma cultura arraigada de machismo que persiste, mesmo quando a sociedade parece caminhar para um futuro mais inclusivo. O documentário, portanto, é apenas uma celebração das conquistas, mas também uma ferramenta de conscientização sobre as estruturas de poder que ainda precisam ser desconstruídas para garantir que cada mulher tenha o direito de surfar com liberdade e respeito.

7. RESULTADOS OBTIDOS

O documentário *Maré de Mulheres* foi uma jornada de aprendizado profundo sobre o surfe feminino e uma reflexão sobre a luta constante das mulheres por igualdade e reconhecimento em espaços historicamente dominados por homens. Através das entrevistas e histórias, percebi como as mulheres no surfe têm sido pioneiras, enfrentando não só as ondas do mar, mas também as barreiras de um sistema machista que insiste em negar sua participação plena e seu protagonismo.

As mulheres enfrentam desafios constantes, tanto dentro quanto fora da água, como o assédio, a violência e a desvalorização de suas habilidades e conquistas. No entanto, essas barreiras não têm sido suficientes para silenciá-las. Muitas continuam quebrando tabus, conquistando seu espaço e transformando o surfe em uma poderosa ferramenta de empoderamento e solidariedade, criando uma rede de apoio e inspiração para outras mulheres no esporte. Essa jornada é uma contribuição vital para a construção de um futuro mais igualitário, onde todas possam surfar as ondas da vida com liberdade, respeito e dignidade.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

A Onda. Direção: Henrique Daniel e Breno Dines. São Paulo: GloboPlay, 2023. Mídia: streaming.

Girls Can't Surf. Direção: Christopher Nelius e Michaela Perske. Austrália: 2020. Mídia: streaming.

Novas Estrelas do Surfe. Direção: Everaldo Teixeira. Elenco: Sierra Kerr, Erin Brooks, Luana Silva, Bela Nalu, Carter Redwood, Bella Kenworthy, Vahiti Inso, Caity Simmers. Brasil: Canal OFF, 2021. Mídia: streaming.

Menina Da Pipa - Marina Carbonell Na Arte E No Surfe. Direção: Carlos Sanfelice, Felipe Ditadi. Elenco: Marina Carbonell. Gênero: Personalidade, Esporte, Documentário. Brasil: 2019. Mídia: streaming.

GARCIA, Carla Cristina. O gênero e as práticas esportivas das mulheres: alguns pontos de discussão em psicologia social e do esporte. **In: Revista da Instituição de Psicologia**, v. 27, n. especial, 2018.

RUBIO, Kátia (Org.). **Mulheres e esporte no Brasil: muitos papéis, uma única luta.** 1. ed. São Paulo: Editora Laços, 2012.

CASTELLANI FILHO, Lino. Esporte e mulher. **In: Motrivivência**, Universidade Federal de Santa Catarina, n. 2, 1989.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação física no Brasil: a história que não se conta.** São Paulo: Papyrus Editora, 1988.

ALDEMAN, M. Mulheres: re-significações da corporalidade feminina. **Revista Estudos Feministas**, v. 11, n. 1, 2003.

KNIJNIK, Jorge Dorfman; CRUZ, Livia Oliveira. Mulheres ao mar: surfe e identidades femininas em transição. In: SIMÕES, Antonio Carlos; KNIJNIK, Jorge Dorfman (orgs). **O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho.** São Paulo: Aleph, 2004.

HUMBERSTONE, B. Transgressões de gênero e naturezas contestadas. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 3, p. 21-38, 2007.

NEPOMUCENO, Léo Barbosa; MONTEIRO, Nathália da Silva. **Desigualdades de gênero no esporte: narrativas sobre o lugar da mulher no surfe**. 2021.

MONTEIRO, Nathália da Silva. **Mulheres, gênero e surf: narrativas sobre inserção e permanência na prática**. 2017. [Dissertação de Mestrado] – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

G1. Surfista é agredida por capixaba enquanto pegava onda em Bali. **G1 Espírito Santo**, 6 abr. 2023.

Disponível em:

<https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2023/04/06/video-surfista-e-agredida-por-capixaba-enquanto-pegava-onda-em-bali.ghtml>. Acesso em: set. 2023.

AGAZETA. Primeira surfista registrada no Brasil, Margot Rittscher é exemplo de luta e legado. **A Gazeta**, 24 mar. 2023. Disponível em:

<https://www.agazeta.com.br/mais-esportes/primeira-surfista-registrada-no-brasil-margot-rittsher-e-exemplo-de-luta-e-legado-0324>. Acesso em: set. 2023.

HARDCORE. Evento da WSL em Teahupoo pode colocar surfe feminino em outro patamar. **Hardcore**, 12 jul. 2022. Disponível em:

<https://hardcore.com.br/opinio-evento-da-wsl-em-teahupoo-pode-colocar-surf-feminino-em-outro-patamar/>. Acesso em: Janeiro de 2024.

ESPN. WSL faz história e equipara premiação de homens e mulheres; Kelly Slater e Stephanie Gilmore comemoram. **ESPN**, 29 mar. 2019. Disponível em:

https://www.espn.com.br/espnw/artigo/_/id/4729348/wsl-faz-historia-e-equipara-premiacao-de-homens-e-mulheres-kelly-slater-e-stephanie-gilmore-comemoram. Acesso em: Janeiro de 2024.

FLAMBOIAR. Dream Tour anuncia a maior premiação da história do surfe no Brasil. **Flamboiar**, 14 mar. 2023. Disponível em:

<https://flamboiar.com.br/web-stories/dream-tour-anuncia-maior-premiacao-da-historia-do-surf-no-brasil/>. Acesso em: Janeiro de 2024.

GLOBO ESPORTE. Paris 2024 terá a maior participação feminina em 100 anos; veja números. **Globo Esporte**, 8 mar. 2024. Disponível em:

<https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/2024/03/08/paris-2024-tera-a-maior-participacao-feminina-e-m-100-anos-veja-numeros.ghtml>. Acesso em: Março de 2024.

EXAME. Paris 2024: pela primeira vez na história, Brasil terá mais mulheres do que homens em Jogos; veja. **Exame**, 8 mar. 2024. Disponível em:

<https://exame.com/esporte/paris-2024-pela-primeira-vez-na-historia-brasil-tera-mais-mulheres-do-que-homens-em-jogos-veja/>. Acesso em: Março de 2024.

O GLOBO. "Prefiro usar short nas competições", diz a surfista Tatiana Weston-Webb. **O Globo**, 14 mar. 2024. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/ela/gente/noticia/2024/03/14/prefiro-usar-short-nas-competicoes-diz-a-surfista-tatiana-weston-webb.ghtml>. Acesso em: Março de 2024.

ISTOÉ. Influencer e surfista Gio Matthews conta que já foi vítima de machismo no mundo do surf. **IstoÉ**, 5 jul. 2023. Disponível em:

<https://istoe.com.br/influencer-e-surfista-gio-matthews-conta-que-ja-foi-vitima-de-machismo-no-mundo-do-surf/>. Acesso em: Março de 2024.

POLITIZE. Em 1941, Getúlio Vargas assinou decreto que proibia mulheres de praticarem esportes "inadequados à sua natureza". **Politize!**, 22 set. 2020. Disponível em: <https://www.politize.com.br/futebol-feminino/>. Acesso em: Abril de 2024.

CBSURF. Programa Talento Feminino 2023 da CBSurf chega no Guarujá. **CBSurf**, 6 fev. 2023. Disponível em: <https://cbsurf.org.br/programa-talento-feminino-2023-da-cbsurf-chega-no-guaruja/>. Acesso em: Abril de 2024.